

pretendemos analisar o discurso político e a utilização excessiva de clichês.

j. Criar textos a partir de notícias curtas de jornal também foi uma atividade que resultou bem sucedida.

2. Utilizando o texto literário

O texto literário aparece como motivador em inúmeros casos, relacionando a aula de literatura com a aula de redação. A esse respeito, temos alguns fatores a considerar. O nível de leitura de um texto normalmente se resume, para nossos alunos, ao processamento de frases que carregam determinada informação. Ora, isso é muito pouco. O que se pretende é que o aluno saia dessa condição passiva. Pretende-se que o ato de ler seja uma tarefa criativa, um processo no qual o conhecimento do leitor se imprima ao texto, o que, de resto, determina os diversos níveis de leitura de uma mesma mensagem. Quando ocorrer essa integração do leitor (aqui o sujeito) que interfere ativamente sobre o texto (o objeto), aí sim teremos uma leitura crítica e criativa. Na medida em que lê, o indivíduo se descarta de seu mundo, saindo de sua estabilidade e ganhando referenciais que o localizam na realidade.

Parece-nos possível utilizar esse processo como detonador da atividade de redação. Nesse sentido, partindo de uma leitura crítico-criativa, propusemos alguns temas:

a. Encontro de Policarpo Quaresma e o presidente de uma multinacional.

b. Inverter a ordem do texto: a onça ganhou a luta travada com Peri.

c. Um encontro entre a linda escrava Isaura (do romance *A Escrava Isaura*) e uma pessoa da escola que seja conhecida de todos.

d. Macunáma morreu e virou estrela. O que estará ele pensando do Brasil hoje?

e. Uma visita da Moreninha ao cortiço.

f. Dado um determinado espaço naturalista, imagine um fato que poderia ter ocorrido ali.

g. Qual é a opinião de Leonardo Pataca sobre Fernando Seixas?

3. Utilizando as demais disciplinas

Tentamos também integrar a aula de redação com as demais disciplinas. Ainda é um recurso feito na base do ensaio e erro, que pretendemos aperfeiçoar.

Partindo da confiança em que para desenvolver o pensamento lógico não é necessário sacrificar a imaginação, pois esta pode ser exercida sobre conteúdos de biologia, matemática, história, geometria, etc., propusemos alguns temas para redação:

a. Empregar termos técnicos aprendidos na aula de Biologia para narrar uma viagem pelo interior do caule de uma determinada árvore. No caso, a redação é corrigida também pelo professor de Biologia.

b. Utilizar conceitos de Física (movimento, energia, etc.) transformando-os em personagens que participam de narrativas.

c. Produzir texto dissertativo a partir de um determinado problema ou conceito tratado em História ou em Filosofia.

d. Montar um diálogo entre o ministro do planejamento e Napoleão Bonaparte.

Todas essas experiências tiveram lugar num clima de camaradagem entre o professor (que se transformou antes num animador das sessões de redação) e o aluno. Partindo de motivações pertinentes, de referenciais pré-adquiridos, conseguimos um resultado bastante satisfatório.

Concluindo, achamos que o professor de Português é um dos responsáveis por treinar os membros da sociedade no uso efetivo e criativo da língua. Essa não é uma responsabilidade com que ele pode arcar adequadamente através de um ensino puro e simples do formalismo da gramática ou uma responsabilidade que ele pode descartar afirmando que a redação é uma arte e que não pode ser ensinada.

Wendell Johnson, um linguísta americano, resume muito bem a nossa posição diante do assunto: "Quando as pessoas não sabem falar ou escrever adequadamente sua língua, surgem homens decididos a falar e a escrever por elas e não para elas."

Diário da classe



A MATEMÁTICA, A GRAMÁTICA, A INTERPRETAÇÃO DE TEXTO E A "FARRA"

Cecília Warschaver*

Introdução

O cotidiano escolar tem mostrado sua riqueza enquanto palco de pesquisas no sentido de repensar a didática. (1)

O professor pode contribuir com este esforço dos pesquisadores por estar numa posição privilegiada. Afinal, ele conhece a realidade escolar nos diversos níveis: relacionamentos pessoais com os alunos e agentes institucionais, currículos e programas, estrutura administrativa e prática docente, etc.

Uma das formas de contribuir é ele próprio observar, registrar e refletir sobre seu trabalho diário, buscando uma melhor adequação da(s) teoria(s) com a sua prática. Isto se torna possível na medida em que sua reflexão diária o ajuda a apropriar-se de seu processo reconstrutivo do conhecimento, onde avaliação e planejamento são práticas diárias.

Outra forma de contribuição do professor para a pesquisa educacional é a socialização de suas experiências que, apesar de particulares, e sobretudo por isto, são de grande valia para o conhecimento do cotidiano escolar na medida em que revelam dificuldades e possibilidades.

A Experiência

Partimos do pressuposto de que a educação deva ser integradora. Vejamos como pode se dar esta integração.

Ela pode ser integradora dos alunos e professores numa criação e re-criação do conhecimento, de forma que possamos conhecer o conhecimento que já existe e não apenas transferi-lo. (2)

Integradora também das disciplinas escolares num trabalho interdisciplinar, junto com o lúdico. E por que não o lúdico?

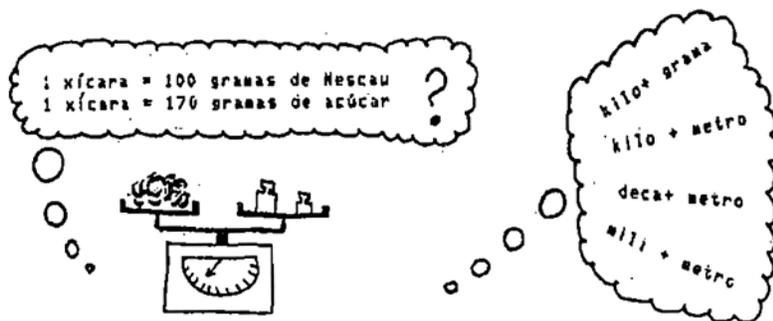
* Pós-graduanda em Educação na USP, trabalha atualmente com alfabetização de adultos.

Deste modo, ela deve partir do conjunto de esquemas de conhecimento do aluno - sua estrutura cognoscitiva (3) - e caminhar juntando estes fios, no sentido de uma aprendizagem significativa.

A única maneira de unir todos estes fios é fazendo, isto é, topando a viagem em busca do conhecimento (do mundo e de si próprio).

Este texto é um trecho do "diário de bordo" da viagem de 1985 com uma classe de 4ª série numa escola particular de São Paulo.

A viagem começa com uma receita:



Nos objetivos de Matemática daquele mês constava o trabalho com as unidades de capacidade (Kg e g).

Aproveitamos a receita do bolo Nega-Maluca, pois era carregado de significado para aquele grupo de crianças: momentos especiais eram comemorados, saboreando este bolo. Inserimos a receita dentro de nossa rotina de Interpretação de Texto, de forma que também foi lida como os outros textos.

Cada texto pede um tipo de interpretação (dramatização, discussões, perguntas, desenho, etc., etc.).

ESTE TEXTO FOI "VIVIDO E SABOREADO"

Nome _____
São Paulo, de _____ de _____
PROPOSTA: Interpretação de Texto

Bolo Nega-maluca
Ingredientes:
3 ovos inteiros
170 gramas de açúcar
100 gramas de Nescau
240 gramas de farinha de trigo
200 mililitros de água fervente
1 xícara de óleo
1 colher de sopa de fermento (Royal)
1 pitada de sal

Modo de preparo:
Misturar todos os ingredientes do bolo em uma tigela. Primeiro os ingredientes secos, depois os ovos, o óleo e a água fervente aos poucos. Por último, colocar o fermento.

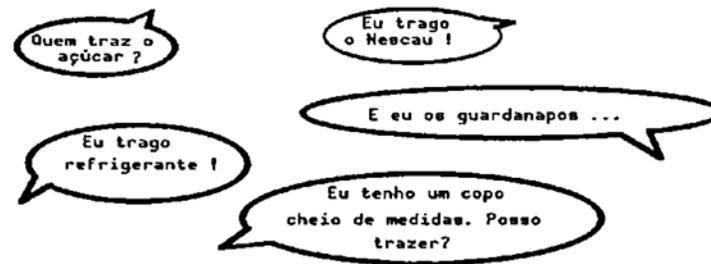
Glacê:
170 gramas de açúcar
100 gramas de Nescau
1/2 colher de manteiga
3 colheres de leite
Fêr para derreter no fogo até formar uma pasta fina.
Cobrir o bolo ainda quente.

Nome _____

Continuação fl.2

1) Você acha que é importante seguir a ordem de colocação dos ingredientes explicada na receita? Por quê?

2) Faça um desenho que expresse aquilo que você sente ao imaginar este bolo.



Depois de lido, na Roda, planejamos a atividade do dia seguinte:

Uma das crianças anotou o que ficou combinado para cada um trazer e pendurou seu registro na parede na sala.

No dia seguinte: carteiras arrastadas, craft no chão com os ingredientes, balanças, copos, guardanapos, refrigerantes, forma, etc., etc.

unidades de comprimento						
km	hm	dam	m	dm	cm	mm
unidades de massa						
kg	hg	dag	g	dg	cg	mg
unidades de capacidade						
kl	hl	dal	l	dl	cl	ml

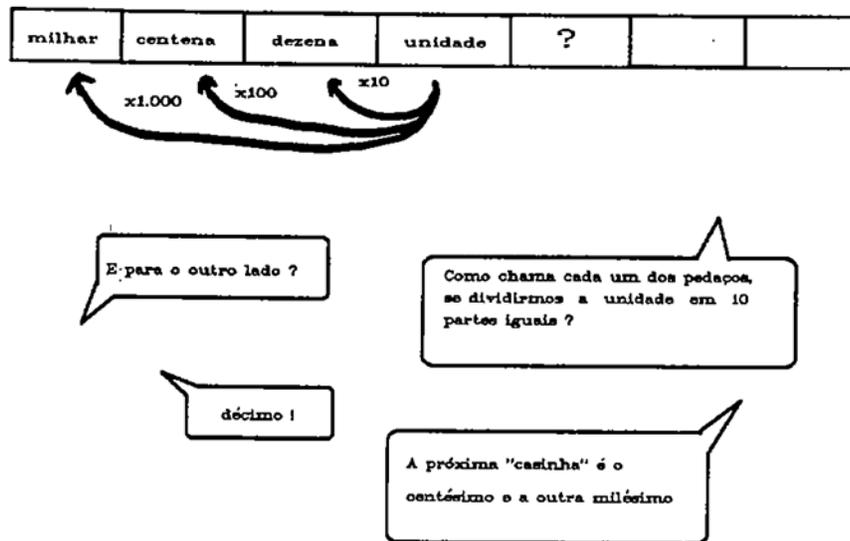
$\xrightarrow{\times 1.000}$ $\xrightarrow{\times 100}$ $\xrightarrow{\times 10}$ $\xrightarrow{+10}$ $\xrightarrow{+100}$ $\xrightarrow{+1.000}$

Enquanto fazíamos o bolo, a conversa "rolava" junto com a Interpretação de Textos. Lembranças das próprias aventuras na cozinha e das "broncas" recebidas, com o dedo na massa crua...

As conversas espontâneas entre as crianças, a partir do contexto particular de cada uma, já geravam questões que inseriam esta atividade num contexto maior - no mundo. Pude, em alguns momentos, acrescentar informações ou questões nesse sentido. Comparamos as receitas mais antigas, "do tempo da vovó", com as mais recentes. Pudemos concluir que antigamente as balanças na cozinha eram indispensáveis. Atualmente, utilizam-se com mais frequência xícaras ou colheres como unidade padrão (talvez pela pressa das atuais donas de casa, quem sabe...) Verificamos também certa imprecisão das medidas utilizadas devido, talvez, aos diferentes tamanhos das xícaras.

Em outro momento, anotamos no caderno de Matemática os múltiplos e submúltiplos do grama e do litro. Comparamos com a tabela de múltiplos e submúltiplos do metro, já estudados anteriormente. Pudemos descobrir, assim, os prefixos utilizados para formação das "estranhas" palavras: centímetro, centígrama, centilitro, etc., etc. Foi com grande empolgação que descobriram que poderiam formar qualquer daquelas palavras e suas abreviaturas.

...logo perceberam que tudo faz parte do Sistema de Numeração Decimal (de 10 em 10), que já vinham estudando há vários anos:



Na aula de "Redação", a experiência foi registrada pelas crianças em pequenos grupos, que escreveram textos, que vieram a fazer parte da nossa história.

O registro escrito de nossas experiências, integrando os objetivos da área de Linguagem, propiciou um trabalho com a organização do pensamento: O que aconteceu antes? Por que aconteceu desta maneira e não daquela? Socialização da visão particular de cada um a partir de uma atividade coletiva, respeito pelas diferenças individuais e, depois, construção de livros de histórias.

A partir da "farra" do bolo, pudemos "enganchar" o estudo mais formal da Matemática; dos prefixos e sufixos, em Gramática, da Leitura e da Escrita.

É a partir do conhecimento dos conteúdos, que deverão ser trabalhados durante todo o ano letivo, que o professor adquire uma visão mais ampla e poderá inverter sua ordem, relacionando as matérias escolares entre si e seguindo o ritmo e o rumo da viagem com seus alunos. Mãos na massa, portanto...

Referências bibliográficas:

- (1) ANDRÉ, M.; LUDKE, H. *Pesquisas em Educação: abordagem qualitativa*. EPU, 1986.
- (2) FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e Ousadia - O cotidiano do professor*, RJ, Paz e Terra, 1987.
- (3) COLL, S. "Bases Psicológicas". *Cuadernos de Pedagogía* n°139, Espana, Editorial Fontalba S.A., 1986.

Diário da Classe

DO ENSINO TRADICIONAL ÀS NOVAS PROPOSTAS



Justifico-me: conto a história do meu ponto de vista. Outros contarão de outras maneiras. Inclusive os alunos.

Rosa Aparecida José Chimoni *

Foi sofrido refletir. Dor de ir fundo em nossa prática pedagógica, tão sem solução. E cortava, em diagonal, esta escritura, a escritura de um aluno que assim dizia: "Sou a bola. O jogo vai começar. Eles vão me chutar de um lado para outro". E me perdi na feitura do meu texto, na leitura do texto do aluno, para depois me encontrar, e um ex-aluno soprou a minha ferida, ao dizer: "Agora, sou suspeito. Eu gostava de você. Eu gostava de sua aula".

O que tenho a dizer, aqui, é a respeito da minha vivência em sala de aula, na escola pública.

O ensino tradicional de que tratamos não é aquele tradicional mesmo, baseado na Pedagogia da Essência, que se desintegrou há muito, por motivos conhecidos. Chamamos de tradicional esta "geléia geral" que norteia o ensino nas escolas, cotidianamente. A repetição de uma postura, ao transmitir um saber, que passa de professor para professor, de aluno para aluno. Este seguir sistemático de determinados livros didáticos. Esta prática diária dos mesmos gestos, mesmas

questões, mesmas respostas, mesmos exemplos, mesmas propostas de leituras e produção de textos. Entra ano, sai ano. Se sair desta rotina, ai meu Deus, me perco.

Foi de uma prática quase desta natureza que comecei a sair, a partir de 79/80, ao entrar na APLL. Digo "quase", porque eu era uma professora que caminhava ouvindo ruídos debaixo dos pés e procurava soluções para a rotina diária. Foi sozinha, dentro das escolas em que trabalhei, que me propus a trilhar o caminho novo. Por isto, este depoimento registrará inúmeros acidentes de percurso e apontará, na maioria das vezes, para o desespero. Ora, a sala de aula, as carteiras enfileiradas, os alunos nelas sentados, e a mesa do professor e sua cadeira, a professora sentada e o quadro-negro como pano de fundo. Como mudar? Seria dar aula de trás para frente? Ir lá no fundo e gritar? Seria trocar de posição com os alunos? Seria, por acaso, nada fazer e calar-se? Como abalar este instituído? Professor é professor? Aluno é aluno? O aluno é o outro, ou o outro é o professor? Qual é o discurso do professor? Qual é o

* Professora de 1º e 2º graus da Rede Estadual de Ensino.